

Britânicos, os mais irredutíveis

Nova Iorque — Não é nada alentador o panorama brasileiro que as publicações especializadas em finanças pintam, em Nova Iorque, ao término de um giro mundial que acabam de realizar altos funcionários brasileiros, liderados pelo presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore.

Os funcionários brasileiros se mostraram otimistas, porém será difícil induzir os bancos britânicos a participarem de um refinanciamento da dívida externa do Brasil, proposta segunda-feira, em Londres, segundo comentou, ontem, a imprensa financeira nova-iorkina.

A participação desses bancos é considerada "essencial", segundo o jornal *The Wall Street Journal*.

De sua parte, o jornal *The New York Journal of Commerce* assinala que economistas e empresários brasileiros consideram que o País não poderá cumprir um programa de austeridade imposto como parte de um plano de ajuda financeira que, na opinião de pelo menos um economista, não é mais que uma "pantomima".

Pastore manifestou otimismo, acrescenta o *Journal of Commerce*, de que se aceite um plano de US\$ 6,5 bilhões em créditos por um período de nove anos, que apresentou ontem para 150 banqueiros em Londres.

Entretanto, o *Wall Street Journal* comenta que para o Banco da Inglaterra "não será tarefa fácil induzir os recalcitrantes bancos britânicos" a participarem dessa operação.

E indaga sobre quais argumentos poderá apresentar quando o próprio governo bri-

tânico reafirma que não participará de um empréstimo multigovernamental para o Brasil, de US\$ 2,5 bilhões.

Os banqueiros atribuem a rígida posição do governo britânico ao fato de o Brasil ter negado recentemente o direito de aterrissagem a aviões britânicos em viagem às Ilhas Malvinas e a opinião dos conselheiros governamentais de que "era preciso dar uma lição" ao Brasil.

A delegação oficial brasileira também esteve em Washington, Toronto, Honolulu, Tóquio e Bahrein em sua campanha para conseguir que os 800 bancos credores aceitem um novo plano de refinanciamento, aos quais pediu que respondam antes de 10 de novembro.

O conjunto de créditos bancários no montante de US\$ 6,5 bilhões e de créditos governamentais, US\$ 2,5 bilhões faz parte de um plano de US\$ 11 bilhões que também inclui a dilatação do prazo de pagamento de US\$ 2 bilhões devidos a outros governos.

O jornal "The New York Times" comentou ontem que, na opinião de destacados economistas e empresários brasileiros, "não é provável que o Brasil cumpra as exigências de austeridade econômica que seu governo aceitou há um mês, em troca da renovação da ajuda de seus credores".

O jornal acrescenta que "os que criticam o acordo (com o FMI) e até muitos dos funcionários do governo que o negociaram, consideram que o documento exige demasiado, dentro de um prazo excessivamente curto, para uma economia que ainda enfrenta uma recessão que começou há três anos".